



# Análise Econômica

Cenários frente à pandemia da Covid-19

Edição 8 – Brasília, 21 de maio 2020

## INTRODUÇÃO

Com o avanço da pandemia provocada pelo novo coronavírus e seus efeitos na saúde, na economia e na sociedade, uma das iminentes preocupações dos países foi com a garantia da oferta de alimentos em quantidade e qualidade suficientes para o abastecimento da população. Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação ([FAO](#), sigla em inglês), a pandemia tem afetado os sistemas alimentares no mundo, interrompendo cadeias globais de suprimento de alimentos e colocando em risco a segurança alimentar das famílias, em especial, as mais vulneráveis. Apesar da preocupação, a entidade defende que não há motivo para pânico, uma vez que, globalmente, há comida suficiente para todos.

Da mesma forma, desde o início da pandemia, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) descartou o risco de desabastecimento no país, assegurando que a agricultura brasileira seguiria produzindo e abastecendo os mercados. A preocupação com a segurança alimentar endossa a importância da agricultura e das medidas de apoio e proteção de agricultores e demais atores envolvidos na produção e distribuição de alimentos para que mantenham suas operações em funcionamento no sentido de garantir o abastecimento da população.

Nesse sentido, discutimos os impactos da pandemia da covid-19 no cooperativismo agropecuário, que é responsável por mais de 50% de tudo que é produzido no campo brasileiro. Para tanto, inicialmente mostramos as perspectivas do efeito da pandemia na economia, com foco na produção agrícola e nas exportações agropecuárias. Por fim, tecemos considerações sobre as principais transformações e tendências para o agronegócio e o cooperativismo agro.

Boa leitura!

### COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS



### CENÁRIO ECONÔMICO

**Prévia do PIB indica os impactos do isolamento sobre a economia.** A falta de coordenação entre os governos federal, estadual e municipal, a instabilidade da política de saúde pública e a queda de braço entre os poderes impedem um ambiente mais estável e favorável à economia, agravando a conjuntura causada pela pandemia. Os analistas de mercado já reavaliam as previsões em relação ao crescimento da economia em 2020, estimando uma queda entre 5% e 7% no PIB em 2020. O PIB do 1º trimestre será disponibilizado somente no final de maio, mas o [monitor do PIB](#), indicador da FGV que busca antecipar os resultados sobre a atividade econômica do país, mostra que a economia, que já andava lenta, desacelerou ainda mais no primeiro mês de fechamento das atividades no país. Houve redução de 1% na atividade econômica no primeiro trimestre em comparação com o anterior e de 5,3% em março em relação ao mês anterior – esse último, um recorde da série. Na comparação anual, houve praticamente uma estagnação em relação ao 1º trimestre de 2019 (cresceu 0,3%). Os resultados negativos foram por conta da redução da atividade produtiva e do consumo como efeitos da política de isolamento social. Já o destaque positivo foram as exportações, que tiveram expressivo crescimento (9,4%) em relação à março de 2019, sendo reflexo especialmente do desempenho das comercializações de produtos agropecuários, com crescimento de 27,7%. Ainda assim, os analistas esperam que os dados da economia em abril venham ainda piores, já que março só teve 15 dias sem atividade.

**Impactos da pandemia na Produção Agrícola.** A recente estimativa de abril do [Levantamento Sistemático da Produção Agrícola](#) (LSPA), disponibilizada pelo IBGE, aponta novo recorde na produção agrícola. A safra nacional de grãos, majoritariamente representada por produtores rurais

## ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

cooperados, deve atingir 247 milhões de toneladas em 2020/21, 2,3% superior à safra de 2019/20. Já a área a ser colhida será de 64,5 milhões de hectares este ano, o que corresponde a um aumento de 2% (ou 1,3 milhão de hectares), comparado com a área em 2019/20. Os principais produtos que corroboraram para esse aumento da produção agrícola são arroz, milho e soja, que, somados, representam 92,6% da estimativa da produção e 87,4% da área a ser colhida. Em termos de distribuição regional na produção de cereais, leguminosas e oleaginosas, o Centro-Oeste aparece como a principal região produtora com 115,2 milhões de toneladas, seguido pelo Sul (76,1 milhões ton.), Sudeste (24,1 milhões ton.), Nordeste (21,1 milhões ton.) e Norte (10,5 milhões ton.). Entretanto, esse bom desempenho da produção agrícola pode ser afetado pela alta do dólar, que deve fechar o ano na marca dos R\$ 6,00, tendo em vista o aumento do custo dos insumos da produção, haja vista que os ingredientes ativos dos principais defensivos agropecuários, bem como os fertilizantes são importados, ou seja, de fato há uma grande dependência do mercado originador desses produtos. Ainda assim, consultorias indicam que o agronegócio brasileiro pode ter mais a ganhar do que a perder com a valorização da moeda americana, em grande parte devido ao efeito positivo da taxa de câmbio desvalorizada sobre os resultados das exportações do setor.

**Exportação do agro demonstra força do setor frente à pandemia.** Condizente com a prévia do PIB calculada pela FGV, os dados do [ComexStat](#) de abril de 2020 mostram que as exportações brasileiras seguiram fortes mesmo frente à pandemia, totalizando US\$ 222,2 bilhões no valor acumulado dos últimos doze meses. O resultado deve-se em grande parte ao setor agropecuário, que registrou [valor recorde](#) no mês de abril, ultrapassando pela primeira vez o teto de US\$ 10 bilhões. A participação do agronegócio nas exportações brasileiras representou 55,8% da pauta no mês. O recorde não se concretizava desde de 2013, quando as vendas externas do agronegócio somaram US\$ 9,6 bilhões em abril daquele ano. O resultado exponencial de abril significa um aumento de 24,95% em relação ao mesmo período em 2019, quando foi de US\$ 8,17 bilhões, e foi atingido principalmente em função do aumento dos embarques da soja em grão. Eles cresceram 73,4%, ou quase 7 milhões de toneladas, em comparação com abril do ano anterior. O aumento da participação da soja na pauta exportadora se deve a dois fatores principais: o crescimento da demanda internacional pela soja brasileira, para a qual houve antecipação das exportações, e à queda da demanda pelos demais produtos da balança comercial por conta da pandemia. O resultado contribuiu para a liderança das commodities nas exportações do Brasil. Elas foram responsáveis por 67% dos volumes exportados pelo país - o maior percentual já registrado desde 2008, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre/FGV). Colaborou também para essa realidade o fato de os principais destinos das exportações manufaturadas brasileiras, Argentina e Estados Unidos, seguirem cumprindo regras de isolamento social devido a pandemia. Contudo, o Ibre/FGV alerta que, no segundo semestre, o cenário pode ser de desempenho inferior das exportações e queda ainda maior das importações em decorrência da retração na atividade econômica global.

## ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

Na sequência, apresentamos uma tabela com os dados sobre o desempenho comercial dos 5 principais produtos exportados pelo agronegócio brasileiro no primeiro quadrimestre de 2020, comparando-o com o mesmo período do ano passado.

### 5 PRINCIPAIS PRODUTOS DO AGRONEGÓCIO EXPORTADOS (janeiro a abril de 2020)

PRODUTOS AGRO	EXPORTAÇÃO em jan/20 (US\$ milhões)	EXPORTAÇÃO em fev/20 (US\$ milhões)	EXPORTAÇÃO em mar/20 (US\$ milhões)	EXPORTAÇÃO em abr/20 (US\$ milhões)	EXPORTAÇÃO 1º quadr. 2020 (US\$ milhões)	EXPORTAÇÃO 1º quadr. 2019 (US\$ milhões)	TAXA CRESCIMENTO 1º quadrimestre 2020/2019 (%)
Complexo Soja	874,6	2.011,8	4.436,0	6.104,4	13.426,7	10.945,8	22,67 ↑
Carnes	1.347,2	1.301,4	1.383,0	1.283,8	5.315,4	4.694,0	13,24 ↑
Produtos Florestais	933,1	821,5	1.022,3	911,5	3.688,4	4.717,7	-21,82 ↓
Complexo Sucroalcooleiro	515,0	471,4	468,0	522,2	1.976,5	1.486,9	32,93 ↑
Café	402,0	421,3	458,7	411,1	1.693,2	1.753,2	-3,42 ↓
<b>TOTAL AGRO</b>	<b>5.784,6</b>	<b>6.302,4</b>	<b>9.094,6</b>	<b>10.221,0</b>	<b>31.402,5</b>	<b>29.652,5</b>	<b>5,90 ↑</b>

Fonte: AgroStat - Ministério Economia, 2020. Elaboração: Sistema OCB.

**Importância da parceria comercial com a China.** O país segue como principal parceiro comercial do Brasil. As vendas brasileiras para o gigante asiático cresceram 30% na comparação com abril de 2019. Se isolarmos os produtos do agro, o aumento é de 60% para o mesmo período. As exportações de soja em grãos para o país alcançaram recorde para a série histórica no quadrimestre, foram 11,7 milhões de toneladas. Um aumento de 26,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Aumento esse que, [segundo a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais \(Anec\)](#), se deve ao reaquecimento da demanda na China pós paralisação por conta da Covid-19, bem como pela recomposição de estoques pelo país. O Brasil lidera as exportações de soja em grão e a China é o principal importador dessa matéria-prima.

Juntamente com o Brasil, Estados Unidos e Argentina representam mais de 80% da produção e das exportações mundiais de soja. A China é responsável por 60% das importações mundiais. [Matéria do Valor Econômico reforça](#) que qualquer problema nesses quatro países - ou entre eles -, portanto, tem consequências para os demais.

**Guerra comercial entre a China e os Estados Unidos.** É um desses fatores com repercussão nos demais países produtores de soja. A rivalidade entre as duas grandes potências é estratégica e essencialmente econômica e tecnológica. Contudo, os dois países seguem importantes parceiros comerciais um do outro, e, ambos, importantes parceiros comerciais do Brasil. O embate entre as duas potências foi marcado pelo aumento de tarifas e retaliações à exportação, bem como pela limitação da atuação de empresas de tecnologia de um país no outro. Uma espécie de trégua aconteceu em janeiro de 2020, quando foi assinada a primeira fase de um acordo comercial entre a China e os EUA. Embora as principais questões entre os dois países não tenham sido resolvidas, alguns objetivos foram negociados. É o caso da redução do déficit comercial americano em relação à China. Nesse sentido, o acordo impulsiona compras chinesas de diversos produtos. No caso dos produtos agrícolas os alvos numéricos são de compra de até U\$ 50 bilhões em produtos agrícolas.

## ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

Apesar dos casos de peste suína na China e problemas climáticos que afetaram os Estados Unidos na safra 2019/20, [artigo da exame aponta](#) que o Brasil aproveitou benefícios concretos dessa guerra comercial entre 2018 e 2019. Pois, nesse período foram registrados recordes nas exportações de soja, carne, algodão e outras commodities para a China. Esse também foi um dos motivos que influenciaram no aumento da compra da soja brasileira, que funciona bem como ilustração desse período. Contudo, tem início um novo período. [Segundo relatório recente do USDA](#), a situação com relação a essa *commodity* deve ser normalizada no ciclo 2020/21. Uma vez que no cenário traçado para o período, os EUA deverão recuperar espaço no mercado. Apesar disso, o Brasil seguirá liderando os embarques para o país asiático. Segundo as estimativas do USDA, a queda nas exportações brasileiras será de 1,2% em comparação com o ciclo 2019/20.

## TRANSFORMAÇÕES E TENDÊNCIAS

**O futuro do setor de alimentos.** Algumas inovações que poderão se consolidar no mercado pós-covid19 foram projetadas por [Maurílio Santos](#), empreendedor, inovador do setor de alimentos e diretor do Comitê de Jovens Empreendedores da FIESP. A ideia do artigo, para revista Época, foi sinalizar que o futuro do alimento deve se transformar com os novos hábitos, novas tecnologias, novos protocolos sanitários e de saúde global. O sabor dos alimentos não será mais o imperativo nas escolhas, a consciência nutricional e a sustentabilidade serão itens a serem cada vez mais valorizados pelos consumidores. A quantidade nutricional, calórica, rastreamento e o quanto de emissão de gases cada alimento produziu estará disponível nas informações dos alimentos vendidos. O Brasil ganhará destaque no setor de produtos de plantas (*plant-based*) por possuir um grande potencial agrícola e cinco biomas ricos em diversidade. Os consumidores poderão imprimir suas receitas em suas impressoras 3D de alimentos em suas residências. Segundo o empreendedor, estamos vivendo um momento em que é preciso refletir sobre o futuro do setor.

**Comportamento de consumo e compra para o agronegócio.** [Relatório do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento \(Mapa\)](#), que conta com a visão dos 23 adidos agrícolas distribuídos pelo mundo chamam atenção para as previsões de empobrecimento geral da média da população global, o que poderá prejudicar segmentos *premium* e beneficiar produtos baratos e de qualidade. Além disso, o setor privado nacional deverá se adaptar à emergente demanda, que persistirá no pós-pandemia, por conveniência e novo estilo de vida. Nesse sentido, produtos com embalagens menores e com maior tempo de prateleira poderão ganhar espaço. Juntamente com esses produtos processados, também ganharão espaço produtos frescos, orgânicos, funcionais e nutracêuticos.

As compras dos alimentos tem se transformado nesse cenário. O [El País](#) mostrou que alguns alimentos estão em alta neste contexto. As pessoas querem reforçar o sistema imunológico com alimentos como frutas cítricas, abacate e, dependendo da cultura, alho. Mas, ao mesmo tempo, o consumo de congelados e instantâneos também tem aumentado na busca por mais praticidade,

## ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

conveniência e certeza de ter comida em casa. A ida ao mercado tem sido difícil e a frequência de compras tem diminuído. Segundo o relatório da consultoria [Wunderman Thompson](#), a busca por alimentos com maior durabilidade aumentou muito neste período. Nos EUA, as vendas de feijão aumentaram 231%, carne enlatada 188% e atum 142%.

Além disso, a própria maneira como as compras são feitas pode ser alterada. Em artigo recente a [Accenture](#) indicou a possibilidade de os consumidores estarem mais abertos não apenas a realizar suas compras diárias online, mas também a solicitar seus itens de rotina usando dispositivos ativados pela Internet das Coisas (IoT). Isso evitaria ter que repetir o processo de solicitação de compras. Ou seja, se seu pedido de compras é basicamente o mesmo na maioria das vezes, por que você deve digitá-lo novamente toda vez que faz um pedido? Assim, as compras seriam feitas automaticamente no momento apropriado. Por fim, a intensidade do protecionismo por parte dos países e o fortalecimento do nacionalismo pode refletir nos hábitos de consumo incentivando o "buy local", ou consumo local. Isso pode significar um crescimento na compra de produtos produzidos no Brasil, bem como a compra em mercados menores e feiras livres próximas a residência do consumidor. O que tenderia a beneficiar os produtores e cooperativas da agricultura familiar.

**Sanidade e segurança alimentar.** O alimento será cada vez mais visto como sinônimo de saúde. Já se observam mudanças significativas nos padrões de consumo e no ganho de importância da percepção de sanidade e inocuidade. [Em documento](#), os adidos agrícolas brasileiros reforçam que a preocupação sanitária com os alimentos se deve ao fato de a Covid-19 estar associada a uma epizootia. Conceito utilizado na saúde pública veterinária para qualificar a ocorrência de um determinado evento em um número de animais ao mesmo tempo e na mesma região, podendo ou não levar a morte. Alguns exemplos de epizootia são a Dengue, a Febre Amarela e a Chikungunya. Essas alterações de percepção poderão implicar em maior rigor quanto a padrões técnicos, sanitários e fitossanitários. Exemplo disso, é o guia [orientativo](#) elaborado pelos Ministérios da Saúde, da Agricultura e Economia para os trabalhadores de frigoríficos. O material contou com o apoio de diversas entidades de classe, como a OCB, e busca orientar sobre os riscos de contaminação, as formas de verificação da doença e o tratamento dos trabalhadores infectados pelo coronavírus. Além disso, também orienta sobre adaptações nos processos produtivos para mitigar o risco de contágio. Nesse contexto, aumenta-se a adoção de tecnologias e instrumentos que viabilizem a confiabilidade e a verificação dessa sanidade e inocuidade, como a exigência de certificação e uso de requisitos privados. Bem como no uso de sistemas de rastreabilidade, *blockchain*, tecnologias de informação e comunicação (TICs) e Inteligência artificial (IA).

**Protecionismo e comércio local.** Em meio a esta pandemia estamos com dificuldades na cadeia de suprimentos, fechamento de fronteiras, novas regras sanitárias e dificuldades logísticas. Neste cenário, os pequenos produtores tornam-se particularmente vulneráveis. O relatório da [Wunderman Thompson](#), mostra que, em alguns países, isso está levando os compradores fazerem pedidos direto de fazendas locais menores e produtores de alimentos. Segundo pesquisa YouGov, no Reino Unido,



## ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

desde o início da pandemia, 3 milhões de pessoas encomendaram uma caixa de vegetais direto de uma fazenda pela primeira vez. Ainda no Reino Unido, temos visto, que pequenos produtores de queijos especiais têm enfrentado muitos desafios para venderem seus queijos durante a crise e não descartá-los, já que estragam num curto período de tempo. Para apoiá-los, o chef [Jamie Oliver](#) tem feito especiais nas redes sociais e em seu site para ajudá-los a escoarem sua produção. Ele faz receitas com os queijos e divulga os contatos dos produtores. Pequenos produtores no Brasil também tiveram que encontrar novas formas para escoar sua produção. Eles têm buscado vender seus produtos por meio de whatsapp ou aplicativos de entrega, como mostra esta matéria de Brasília com algumas opções de [delivery de alimentos orgânicos](#). Neste contexto, podemos observar a valorização das cadeias locais e aumento do relacionamento entre consumidores e pequenos produtores.

**Brasil como solução ao abastecimento mundial.** Apesar da tendência de aumento do protecionismo e valorização do comércio local, o Brasil deve se manter como um importante *player* na segurança alimentar global. Para tanto, [especialistas](#) alertam no sentido de evitar tomar medidas que contribuam para perda de espaço do país no abastecimento global. Assim, o país deve se mostrar um parceiro estratégico e confiável, que prioriza relações de longo prazo. Ao mesmo tempo, nos acordos comerciais, deve-se buscar maior abrangência, inclusive com conquistas para o agronegócio no sentido de consolidar condições de acesso favoráveis aos produtos agrícolas brasileiros. Desta forma, ampliar a diversificação de produtos e de destinos, pode contribuir, ainda mais, para consolidar o Brasil no abastecimento mundial. A título de exemplo, o país, nesse período de pandemia estreitou laços comerciais com [oito países](#), como Egito, China e Indonésia, que passaram a importar mais carnes e pescados brasileiros em 2020.

**Sustentabilidade entra na agenda econômica de recuperação.** A pandemia colocou uma lupa em um problema que já vinha sendo alarmado por cientistas de todo o mundo: a crise climática. Os países já vinham sendo pressionados a repensar o modelo não circular de economia, mas a pandemia coloca a crise climática como um risco urgente à saúde, já que mostra a gravidade da deficiente relação sociedade-meio ambiente-economia a partir de um surto ocasionado pela transferência de doença de animais a humanos. O Instituto Ethos, em [artigo](#) publicado no Valor Econômico, estima que uma pandemia grave, como é o caso da Covid, pode significar um custo de cerca de 5% do PIB Global, cerca de US\$ 13 trilhões. Os estudos foram realizados em 2019 tomando-se por base a Influenza. Como mais da metade do PIB Global dependente dos recursos naturais (US\$ 44 trilhões), sendo 15% deles diretamente expostos aos riscos climáticos (advindos dos setores construção, agricultura e alimentos e bebidas), a abordagem que integra a preservação ambiental ao processo de produção e consumo ganha força. Alguns países já começam a priorizar a sustentabilidade em suas estratégias de recuperação. É o caso da Alemanha, que [recentemente](#) defendeu que os países estabeleçam programas de estímulo econômico com foco na proteção climática, em busca de uma recuperação que proteja o clima e a biodiversidade. A primeira ministra Angela Merkel apoiou o aumento da meta de corte de emissões de gases do efeito-estufa para a União Europeia para algo

## ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

entre 50% e 55% até 2030. A consultoria [Eurasia](#) levanta alguns riscos de curto prazo para essa tendência, como a redução do preço de combustíveis fósseis que podem diminuir a competitividade da energia renovável no curto prazo. No entanto, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, sigla em inglês), que tratou das perspectivas em relação à mudança climática após a pandemia recentemente em [webinar](#) e em um [podcast](#), lembra que, mesmo em meio a falta de uma ação governamental, há uma tendência de que a sociedade civil comece a se movimentar no sentido de uma produção e consumo mais sustentável – especialmente na área de alimentação e energia. Nesse sentido, podemos citar a produção e consumo de energias limpas de forma regionalizada e comunitária e também as chamadas ecovilas, que envolvem produções locais e orgânicas de alimentos para atender uma comunidade específica.

**Intercooperação.** Além de ser um dos princípios do cooperativismo, na intercooperação as cooperativas cooperando entre si podem melhorar sua renda e sustentabilidade em tempos de crise, como a atual. A pandemia da covid-19 evidenciou falhas e dependência que alguns países e setores produtivos têm em relação a algumas cadeias de suprimentos. Ao mesmo tempo, os efeitos econômicos da pandemia tem como consequência o fechamento de fábricas e empresas, o que afeta a disponibilidade de produtos e matérias primas. Desta forma, pensar em formas alternativas de suprimentos, bem como em meios de se organizar, com parceria, para atender algumas das cadeias de suprimentos pode ser uma alternativa para as cooperativas agropecuárias. Através da intercooperação, as cooperativas podem ter maior disponibilidade de recursos e conhecimentos; concentração em competências; possibilidade de criação de novos conhecimentos e de aprendizagem; acesso a novas oportunidades (mercados, *know-how*, diferenciação do produto) e à inovação; além de economia de escala e de escopo ou partilha de custos e riscos. São possíveis vantagens ou fatores motivadores para a intercooperação, como já evidenciado por algumas cooperativas que atuam desta forma. A Unium, projeto de intercooperação entre as cooperativas Frísia, Castrolanda e Capal é um desses exemplos de sucesso, que foi abordado pelo [Sistema OCB](#) em Live para pensar em novos negócios entre as cooperativas durante a COVID-19.

**Mensagem do Sistema OCB:** Buscamos sempre estarmos próximos das cooperativas, visando entender suas necessidades e solucioná-las, ainda mais neste contexto de pandemia. Nós atuaremos sempre buscando garantir as melhores soluções para nossas cooperativas. Conte com o Sistema OCB!

**Link para versões anteriores:**

[7ª Edição - Análise Econômica frente à pandemia: comportamento de compra e consumo](#)

[6ª Edição - Análise Econômica frente à pandemia: o Brasil e os negócios](#)

[5ª Edição - Análise Econômica frente à pandemia: comércio e relações internacionais](#)

[4ª Edição - Análise Econômica frente à pandemia: saúde e trabalho](#)

[3ª Edição - Análise Econômica frente à pandemia: transporte e infraestrutura](#)

[2ª Edição - Análise Econômica frente à pandemia: impactos do isolamento](#)

[1ª Edição - Análise Econômica frente à pandemia: cenário geral](#)